

Loquacidade fora da realidade



Newton Rodrigues

Na sua já demorada falta de popularidade, FHC tem falado a valer e, como quem muito fala muito erra, não vai se saindo bem. Há dias, num péssimo pastiche do grito do Ipiranga, bradou “exportar ou morrer”, formulação falsa a que ninguém deu a maior importância, até porque não baseada em medidas eficazes para melhora de nossa balança comercial. O mote nada mais foi do que repetição do lema divulgado na ditadura militar — “exportar é a solução” — usado pelos ministros Delfim e Rischbieter. Como de hábito, as falas de agora são de grandes promessas para os 16 meses que lhe faltam para deixar o governo, segundo as últimas promessas de estabelecer “um novo tipo de independência”. Como promessas não pagam dívidas, preciso ver e cobrar.

Em outro lance promocional, FHC, que tem tido repúdio sob diversas facetas, proclamou apoio a um sistema de cotas para facilitar o ingresso de negros nas universidades brasileiras, já incluído na proposta oficial a ser

apresentada à III Conferência Internacional contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Cor-

relata, que se realizará na África do Sul de 31 de agosto a 7 de setembro. O tema é, sem dúvida, importante e exige exame e solução, ao mesmo tempo fora do preconceito e da demagogia.

O lastimável e pesado déficit educacional de negros, índios e mestiços decorre, sem dúvida, de um deslocamento social histórico que precisa ser corrigido, com medidas concretas. Basta correr os olhos pelas estatísticas para constatar isso. A questão não poderá, entretanto, ser solucionada pelo falso sistema de cotas que, na realidade, resultaria, na melhor das hipóteses, em um deslocamento do problema sem solucioná-lo. O acesso proveitoso ao ensino su-

Como de hábito, as falas de FHC são de promessas para os 16 meses de governo que lhe faltam

substituisse a disputa por um lugar ao sol.

A solução, evidentemente, reclama medidas de base que permitam, no menor prazo possível, elevar o nível de ensino das camadas mais pobres — majoritariamente negras e mulatas —, melhor capacitando-as aos cursos superiores e às profissões mais qualificadas. De fato, o desnível cultural tem por causa o desnível social, a baixa renda que limita e maltrata a maior parte da população, sendo a situação do negro decorrência histórica da espoliação escravocrata. O eixo da correção não tem, pois, de ser o da cor, mas o do desequilíbrio social, que é o fato gerador.

Em outros termos, a ascensão educacional dos negros deve decorrer de programas assisten-

ciais que os levem e a outros, no mais curto prazo possível, à possibilidade de alcançar o ensino nos três graus, mediante cursos e bolsas especiais

para estudantes de baixa renda, a maioria. As cotas raciais tenderiam, além disso, a discriminar direitos por motivos genéticos, aguçando problemas, até constitucionalmente inaceitáveis. Negros, mulatos, caboclos ou bran-

cos têm direito a idêntica assistência social, segundo as necessidades. Por motivos óbvios, negros e mulatos serão a maior porção de beneficiados.

Quanto à questão específica de acesso aos diferentes graus de ensino, um dos recursos poderá ser a criação de bolsas e de cursos intensivos e de recuperação que abranja os necessitados, independentemen-

te da cor da pele e de outras características genéticas. O sistema de reservas de cotas, além de discriminatório, abriria caminho ao acesso de pessoas despreparadas a postos e cargos que exigem maior base cultural. Ensino oficial amplo e gratuito, bolsas e cursos especiais nos graus primário e secundário permanecem o meio mais eficaz de atuação, dispensando a reinvenção da roda.

Há, sem dúvida, no Brasil certo racismo mais latente que ativo, porém manifesto em várias ocasiões. Entretanto, os antigos ditos populares dessa categoria saíram de circulação, sendo a linha geral de mestiçagem dominante, e o mestiço compõe, nos diferentes graus de miscigenação, variável com as regiões,

categoria em ritmo ininterrupto de crescimento e afirmação social. Já na Colônia afirmava o jesuíta Antonil que o Brasil era “o inferno dos negros, purgatório dos brancos e paraíso dos mulatos e mulatas”. Corrigido o

exagero, os chamados pardos, desde a Colônia, foram vencendo a discriminação e nessa expansão, além de autoridades de todos os graus, chegaram

mesmo a ter dois presidentes da República. Ao contrário dos Estados Unidos, o embranquecimento põe naturalmente o mulato na categoriza de branco, embora em tempos antigos isso se chamassem “limpar o sangue”, um atestado de restrição.

Voltando ao tema inicial, insista-se em que o sistema de cotas é inaceitável por todos os motivos e que a solução para o baixo nível de vida das camadas mais desfavorecidas, onde a predominância negra é patente, tem de ser alcançada por medidas assistenciais permanentes de natureza econômica e educacional. As falsas variantes que andam surgindo nada trarão de positivo. ■

Em um lance promocional, FHC disse apoiar um sistema de cotas para negros nas universidades